ANTÓNIO AMBRÓSIO

A CAMINHO DE COISA NENHUMA...

Aos leitores:

A caminho de coisa nenhuma... foi o que andei afazer durante anos, vivi em busca de um sonho, nem sei bem qual, em busca da perfeição, andei sempre à procura de ser diferente, e como é obvio não saído mesmo sítio. Estes sessenta e um poemas são o resultado dessa busca, diferentes etapas, que no fundo representam apenas uma: - um permanente desencontro, uma permanente guerrilha interior, uma angústia constante, um caminhar em círculo. Passados estes anos todos, voltei ao início da viagem, voltei a estes pequenos momentos de inspiração, nascidos da necessidade de ser ouvido, ser compreendido; quem diria... tanto tempo depois, dez anos, tirar da gaveta um passado que julguei estar perdido.

O que têm em mãos, bom ou mau, é fruto de um intelecto confuso e muitas vezes contraditório, fruto de raciocínios momentâneos, resultantes de insatisfações permanentes.

Será este mundo onde vivo, o meu mundo, o meu tempo? - Sinto pena de ainda não saber responder a esta pergunta. Neste momento sou diferente daquele Ambrósia que escreveu estes poemas, bastante diferente, sou um outro, parecido, mas diferente, menos atormentado, e mais que tudo a caminho de qualquer coisa; sim, agora tenho um objectivo, um rumo: - encontrar paz interior; tendo paz interior, tenho tudo o que necessito para ter tudo, simples, encontrar um consenso entre o eu material e o eu espiritual, como um casamento entre duas pessoas completamente diferentes, que se complementam e se aceitam.

Era meu desejo que os leitores se identificassem com a temática dos meus poemas, e que também eles buscassem essa paz interior, concluíssem que viver não é apenas ter, tem também de ser uma busca intensa à procura da nossa identidade. É este o objectivo que encontrei para revelar ao público os meus poemas. Publicá-los é como andar nu na rua, despir-me de quase todos os segredos, revelar-me tal qual sou, e a partir desse momento, não poder mais fingir ser outro que não sou.

Obrigado pela oportunidade.

António Ambrósio

Figueira da Foz, Março de dois mil e dois

A batalha

Primeiro...
O silêncio...
O canto dos pássaros...
O correr das águas do rio...

Depois o som...
Os primeiros sons indefinidos,
Sons de trotes
De cavalos enfurecidos.

Ao longe...
Uma miragem...
Um nevoeiro,
Uma imagem,
De cavaleiros
Apoderados de raiva,
Sedentos de sangue,
Aguardando a batalha.

Então...
No ar,
Espadas reluzentes,
Corpos sangrentos,
Faces de dor,
De sofrimento,
Pelas quedas,
Pelas feridas dos homens,
Que por pátria ou religião
São diferentes.

No fim...
O silêncio,
A vitória,
A derrota,
A morte...

O Círculo

Tanta filosofia,
Complicando o que complicado é;
Se complicasse o simples,
Tornaria simples o complicado.

Tanta volta,
E voltar atrás,
Apanhando a outra volta,
Juntando outras e outras,
Esquecendo que a volta perdida,
Ficou sem elo na volta atrás...

Tanto pensamento desmedido,
E desmentido, e dito, e acreditado,
E sincero, e paranóico, e puro,
E mentiroso, e racional, e empirista,
E tanta, tanta reflexão,
Sem se saber sequer,
Se realmente vale a pena tanta coisa.

Reflexões

Que sublime forma de pensar,
Que pensar atraiçoado,
Em esforço, que se julga ter quando se pensa.
È a mentira;
A verdade que em falsidade se torna verdadeira...

E o sonho?
Quem sonha o que tem sonhado?
Existem aqueles,
Em que o sonho se esconde em realidade,
Em afecto,
Admirado permanece,
Sem ser sonhado...

O sonho pertence a quem não sonha,
Que os que sonham, não querem...
Deixam de sonhar...
Egoístas,
Guardam-no...
Para quê?
Se não se gosta do sonho que se tem?

Fim da vida

Porque será...
Gente assim como é... má!
Que guardam na mente... quando mentem
A quem sempre lhes desejou a verdade?
Porque será?... Como é angustiante,
Aquela lembrança que se agarra à tristeza,
Ficando mole... rude...
O perigo de quem é ferido...
Bem fundo... tão fundo...
Profundidade de quem se afoga num mar de lágrimas,
Ficando lembrada em ribeiro,
Que dirão ser feito de dor...

Porque será...
Gente assim como é... má!
Nada se espera de quem nos abandona,
Nos leva a fé,
A vontade de paz,
Levando as armas à revolta!

Porque será...
Gente assim como é... má!
Que será dessa gente?
Que será daqueles que praticam a maldade?

Serão afogados nas lágrimas,
daqueles que por eles choraram...
E quem sabe... noutra vida... serão bons...

Só saberemos... no fim da vida...
Se fomos gente querida... ou gente assim como é... má!

Saudades

Encosto os dedos à janela,
Para do outro lado,
Te poder tocar,
Ou simplesmente imaginar
Que aqui,
Entre os meus dedos,
Desfrutas os meus segredos.

Encosto os olhos à janela,
para te desejar,
Sonhar que te posso tocar,
Ver,
Beijar...

Encosto as lágrimas à janela,
para te poder sentir,
lembrar,
Que um dia te fiz chorar...

Abri a janela,
Pois senti no coração,
O teu andar,
O teu chegar... mesmo atrás de mim.

A janela ficou aberta...
À espera de te ver passar...

Vício

Que vício...
É escrever a toda a hora,
Aquilo que nos outros me apavora;
Transcendência usual no que se escreve,
Perdendo horas sentado,
Escrevendo viciado.

Que vício...
É perder,
Naquilo que se escreve,
A perdição,
Fundamento base,
Para se viver sem ilusão.

Quem escreve não vive no mundo,
Vive no que escreve,
Vivendo no vício desesperado,
No poder real demonstrado,
Em linhas que se escreve viciado...

O monstro

Um grito horrorizante...
O balançar das águas,
O surgir indesejado,
O silencio incontrolável... o grito!
A alma destroçada,
Incompleta e rejeitada...
O afundar...
As lágrimas... pequenos afluentes,
Nascidos do amor,
Da dor,
Partilhada solitariamente...
Num esforço de memória,
No momento de afundar...
Esforço amargo,
Não testemunhado.
Uma tristeza...
Um suspiro,
Balançado como uma criança que chora.

Toda uma vida

Acaba quando menos esperamos...
Os projectos ficam adiados,
Nesse dia não aparecemos no trabalho,
Em casa fica um vazio,
Deixamos de fazer parte,
Todos comentam o sucedido,
Não circulamos,
Não existimos...
Todos choram,
Relembram os bons momentos,
Os últimos dias,
Surgem os lamentos...

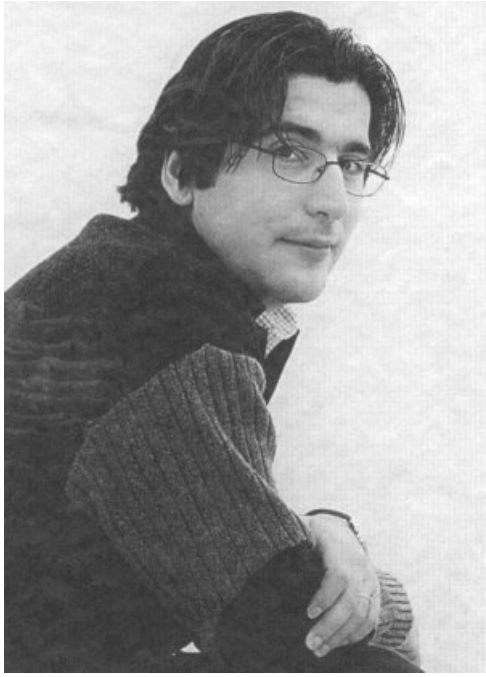
Temos direito a uma missa rápida,
Que o padre tem pressa,
Somos enterrados,
Deixados ao frio e ao vento,
Ao calor e á seca...

Deixamos de estar vivos,
Vivemos apenas no coração,
Daqueles que connosco foram felizes...

Mas depressa somos esquecidos...
Quem fomos nós afinal?

SÍNTESE BIOGRÁFICA:

António Jorge Machado Ambrósio nasceu a 14 de Abril de 1973, em Lisboa. Reside na cidade da Figueira da Foz desde 1990. Para além da sua actividade profissional dedica-se à escrita e à encenação de peças de teatro, todas elas apresentadas no concelho onde reside. "Homem sábio Homem louco", "O mais importante na vida é ...", '"Desencontros poemas ilustrados", são algumas dessas peças. Este é o seu primeiro livro.



António Ambrósio

NOTA:

Esta edição electrónica é uma **reprodução parcial** da versão impressa do livro "A CAMINHO DE COISA NENHUMA" da autoria de António Ambrósio, editado em 2002 pelas Edições MinervaCoimbra.

Entre outros locais, este livro encontra-se à venda nas livrarias da Figueira da Foz. Para obter a versão integral impressa deste livro contacte:

Edições MinervaCoimbra
Rua dos Gatos, 10
3000-200 Coimbra - Portugal
Telefone: 239 826 259
E-mail: livrariaminerva@mail.telepac.pt

Esta edição electrónica e parcial deste livro, em www.figueira.net, é disponibilizada sob permissão do Autor do livro ao autor do «site» (António Cruz).

Toda e qualquer reprodução (integral ou parcial) deste documento electrónico terá sempre de identificar o Autor (António Ambrósio), a editora (Edições MinervaCoimbra) e a origem (www.figueira.net).